

FITRef - FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA

PR 503 Exposição Bíblica Oral

Prof. Rev. Breno L. Macedo

Estudante: André Pedro Pimpão António

RESOLUÇÃO DA TAREFA REFERENTE A AULA 30

1. Qual é a demanda que se tem de um pregador? O que significa ser um sermão vivo?

A demanda que se tem de um pregador é a harmonia entre a comunicação do evangelho e a vida piedosa dele. Isto significa que a vida do pregador, seus actos e tudo que faz deve estar em devido acordo com o que ele prega a igreja. A expressão ser um sermão vivo quer dizer isso.

2. De acordo com 1 Timóteo 6.11-13 do que o pregador precisa fugir? De que maneira prática você pode se preservar dos problemas identificados por Paulo?

De acordo com 1 Timóteo 6.11-13, todo pregador precisa fugir das falsas doutrinas, das discussões fúteis e dos desejo por ganho pessoal. A maneira prática que posso me preservar de tais problemas e desenvolver uma vida piedosa diante do Senhor.

3. De acordo com i Timóteo 6.11-13 o que o pregador precisa perseguir? Explique detalhadamente cada um dos itens.

De acordo o texto mencionado acima, o pregador deve perseguir a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância e a mansidão.

A justiça aponta para o padrão de obediência que o pregador deve buscar semelhante aquele que lhe garantiu sua justificação, de tal forma que ao olharem para ele seja possível identificar semelhança com Cristo.

A piedade aponta para o espírito de santidade, reverência, e piedade que direciona um justo comportamento do pregador.

A outra virtude é a fé. Sobre este ponto Paulo refere-se a aquilo que somente o Espírito Santo pode produzir e que conduz o homem a de fato agradar a Deus. Paulo fala daquela confiança no Senhor e nas suas promessas que faz o homem de Deus perseverar nas horas mais difíceis.

Em seguida ele orienta Timóteo a buscar o amor. E este amor aqui mencionado não é um mero sentimento, mas uma vontade que gera ação. É uma referência ao resumo dos 10 mandamentos: “amai ao Senhor de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.” O pregador que é dominado por esse amor buscará sempre a glória de Deus e jamais a dele. Ele também estará habilitado a amar verdadeiramente as ovelhas colocadas debaixo do seu pastoreiro, assim como ele é comandado a amar o próximo como a si mesmo.

O pregador deve perseguir ainda a constância. Certamente, Paulo se lembrava de todas as situações muito difíceis que ele passou durante seu ministério (2 Co 11.23-28), agora ele encoraja o jovem pastor Timóteo. Em muitos momentos o pregador é tentando a desistir, a negociar, a adaptar sua mensagem para evitar conflitos. O testemunho de Paulo é humilhante e contagiante: diante de todas as dificuldades e dores ele seguia constante no seu labor. É nesses momentos difíceis em que nossos olhos devem estar fixos Cristo, pois Ele, diferente das pessoas e das circunstâncias, não muda.

E por último o apóstolo fala da mansidão. E como vimos na aula, ao perseverar num viver piedoso o pregador precisa buscar ser manso, mesmo diante das situações mais irritantes. No púlpito, mesmo ao exortar a igreja, mesmo sem negociar a dureza de um texto, o pregador de forma alguma pode se expressar de forma irada, descontrolada e furioso.

4. O que significa depender do Espírito? Como essa dependência pode ser cultivada?

Depender do Espírito para o pregador significa submeter-se a direção e vontade do Espírito Santo. O pregador precisa depender do Espírito em três áreas principais: iluminação, comunicação, e convencimento. Essa dependência pode ser cultivada através de uma vida contínua de oração.

5. Desenvolvimento em 800 palavras da visão de Stuart Olyot baseado em seu livro “Pregação Pura e Simples”.

Stuart Olyot reserva seu último capítulo para tratar da questão do preparo espiritual do pregador. Lembremos que o autor já tratou das questões de forma da pregação, referimo-nos da estrutura do sermão. Agora ele está a tratar de algo que acontece fora do púlpito, acontece antes. É um momento que tem muito a ver entre o pregador e Deus. Fala da vida e união do pregador. O autor fala de dois elementos extremamente importantes para o pregador: Urgência espiritual e Autoridade sobrenatural”.

Quando falamos de urgência espiritual referimo-nos ao facto de que, ao transmitir a palavra de Deus o pregador transmite a sua própria alma. Neste caso, a mensagem é revestida de paixão, seriedade, interesse, preocupação e emoção, os quais estão ocultos nos recursos da alma do pregador. Este ponto deve levar-nos a seguinte reflexão: se os perdidos só podem ser salvos através da proclamação do evangelho de Cristo, conforme apóstolo Paulo nos ensina em Romanos 1.16 e 17 e nós somos os detentores desta verdade, logo, é imperativo que, com a máxima urgência, envidemos todo esforço no sentido de tornarmos conhecido a mensagem salvífica do Cristo ressurreto. Este sentimento deve brotar no coração de cada pregador.

O outro elemento que ele trata é a autoridade sobrenatural. E isto leva-nos a pensar que apenas Deus pode revelar a Si mesmo e, com a intermediação do Espírito Santo, a mensagem bíblica pregada por um homem pecador pode alcançar o coração de alguém, encaminhado-o até Cristo. Estamos certos da tarefa especial do Espírito de convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo. Reconecemos do mesmo modo a possibilidade de um homem morto vir a reviver (Ez 37) de um modo anormal, de alguém que odeava o Senhor tornar-se apaixonado por Ele. Isto é obra sobrenatura de Deus.

No final do material o outor fala da necessidade de o pregador buscar a unção do Espírito como uma maneira de submissão a Deus. Neste ponto, vamos considerar a necessidade de harmonizar a ortodoxia e a piedade. Não basta o pregador se preocupar com o conteúdo do sermão é necessário te sua vida com Deus, com o próximo e com sua família reflita exatamente o que ele prega no púlpito.

O autor deixa-nos o caminho para a obtenção da unção do Espírito. Apegando-se as promessas de Deus registadas na Sua palavra deixa claro que Deus ouve as nossas orações e o que Lhe pedimos em oração, com fé, Ele fará. É Deus que concede unção aos seus filhos, o que podemos fazer é pedir a Ele e, certamente, Ele atenderá a nossa oração.

6. Desenvolvimento do texto de Martin Lloyd-Jones, do seu livro “Pregação e Pregadores”.

Doutor Martin Lloyd-Jones foi um pregador experimentado da palavra de Deus e resolveu deixar-nos algumas impressões de suas convicções sobre pregação. No seu livro mencionado ele fala da pregação, da estrutura, de sua importância e suficiência no processo de levar pecadores ao pleno conhecimento da verdade salvadora de Deus, mostra que a pregação é insubstituível, do carácter da pregação e outros assuntos. E reserva a parte final para falar do pregador. As páginas sugeridas para leitura tratam de dois assuntos de extrema importância: o preparo do pregador e a demonstração do Espírito e do poder.

Referente ao preparo do pregador, o autor fala e sustenta sua posição de que a preparação do pregador é um acto contínuo, que ele deve estar sempre se preparando. Entende-se que há uma necessidade de o pregador reservar sempre tempo para o seu preparo. Certamente, isto não é algo muito fácil, exige esforço, dedicação, persistência, constância porque é feito em privado. O ser humano é muito impulsionado a fazer aquilo que pode ser visto pela multidão e redundar em glória para ele. Este preparo pode ser comparado a atividade de um atleta que se prepara, horas e horas, em privado, soando a camisa, dando no duro, para depois se apresentar em público para uma competição de grande nível. Ou ainda, ao trabalho de um agricultor em preparar a terra, limpar, preparar o solo de uma terra vazia, não atraente por não ter nada e ele lá dando no duro, jogando a semente, regando a terra até a plantaçãõ germinar, crescer e dar seus frutos a vista de todos. E só aí fica reconhecido o esforço daquele homem. A preparação do pregador pode se assemelhar a isso e Loyd-Jones vai mais além ao afirmar que esse prepara é mais importante que a elaboração do a estrutura física do sermão, pois ele determina o resultado de todo processo.

Considerando a importância dessa tarefa, o autor adverte-nos sobre alguns perigos que estão sempre a espreita na vida do pregador. Vejamos:

1. Perigo de desperdiçar o tempo, principalmente as manhãs. Neste ponto ele aconselha a aproveitar bem as manhãs para esse prepara necessário, a administrarmos bem o tempo, a não permitir que outras pessoas ou atividades interfiram, roubando-nos o privilégio de nos

prepararmos para a tarefa. Diz-se muito que o tempo é um bem não renovável, é precioso e deve ser bem utilizado. Este processo é contínuo, deve ser uma rotina em nossas vidas.

2. O perigo de o pregador não conhecer-se a si mesmo. O autor aponta dois aspectos que deve merecer a atenção do pregador no sentido de conhecer-se melhor, falou do aspecto físico e temperamental. Aqui percebe-se a necessidade de uma boa disciplina para se conhecer e saber o que pode e o que não pode fazer e como pode glorificar a Deus em meio as suas limitações.
3. O perigo de o pregador furtar-se da prática da oração. D. Martin fala da relevância da oração na vida do pregador, fala da diligência que este deve ter com relação a oração, fala do poder da oração e encoraja todo pregador a trilhar por esse caminho. Somo conclamados a glorificarmos a Deus neste campo, pois uma vida de oração implica em uma vida na dependência de Deus. Ele usa os seguintes termos: “comece mediante a leitura de algo que lhe aqueça o espírito. Livre-se da frieza que se desenvolve em seu espírito. Você precisa aprender como se acende uma chama no espírito, como aquecer a si mesmo e como dar um impulso a si mesmo”.
4. Por fim, o perigo de o pregador não ter hábito de ler a Bíblia. O autor fala da necessidade de se cultivar hábitos de leitura da palavra de Deus. Aconselha-nos a fugirmos da tentação de lermos a Bíblia apenas para achar textos para a preparação de sermões mas, a nos achegarmos a Escritura a fim de sermos alimentados por ela, pois somos tão necessitados quantos os membros de nossas igrejas. Sobre esta matéria, D. Martin Lloyd-Jones orienta-nos também a ler outros livros, não com a ntenção de ter material para os sermões mas, para termos mais informações, conhecimento e sermos impactados sobre o que Deus fez e está a fazer no mundo. Precisamos ler material de teologia, material de história da igreja, material de apologética, algumas obras históricas em geral.

Relativamente ao outro ponto, o autor fala da Demonstração do Espírito e de Poder. A ideia principal do dele ao abordar este assunto é mostrar que o pregador ao subir ao púlpito para falar da palavra de Deus necessita da unção do Espírito Santo de Deus. Esta unção pode ser entendida como uma capacitação especial do próprio Deus ao seu servo para desempenhar uma tarefa no poder do espírito. O Dr. Martin trás a luz texto bíblicos que mostram Deus derramando sua unção sobre seus filhos. Ele fala da ação de Deus sobre João Baptista narrado em Lucas 1. 15-17, fala da unção do Espírito sobre o Senhor Jesus narrado em Lucas 4.18, fala do derramar da unção sobre os apóstolos narrado em Atos 1.8 e diante disso, devemos pensar: Se João Baptista, Jesus e os apóstolos precisaram dessa unção para pregarem o evangelho com poder, quanto mais nós?

É também defendido pelo autor a ideia de que Deus renova sobre seus servos esta unção, que isto não é algo que acontece uma única vez mas, várias vezes quanto necessárias e todos nós hoje, no nosso contexto e em meio as circunstâncias que nos envolvem, devemos ter a mesma convicção de Paulo quando afirmou: “E foi em fraquezas, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” 1 Coríntios 2.3-5. É desta forma que somos aqui persuadidos a conduzir nossa vida e ministéria da pregação.

Devemos buscar essa unção do espírito a fim de pregarmos no poder de Deus. Devemos cravar nosso ministério na cruz de Cristo e depender totalmente do poder do espírito de Deus para o cumprimento da missão. Bem no final de sua explanação, o autor conta um pouco da experiência de alguns homens de Deus que viveram e dependeram da unção do Espírito no desenvolvimento de seus ministérios, como: John Livingstone, Cotton Mather, George Whitefield, os irmãos Wesleys, Howel Harris, Daniel Rowland, D. L. Moody e David Morgan.

Para finalizar, podemos afirmar que um homem pode ter conhecimento e ser diligente na preparação de seus sermões, mas, sem a unção do Espírito Santo, não terá qualquer poder, e a sua pregação não será eficaz.

